

# Ascetismo, martírio e glória: a devoção a Maria nos relatos alexandrinos e origenistas (séculos III-IV)

*Asceticism, martyrdom and glory: the devotion to Mary in Alexandrian and Origenist reports (Centuries III-IV)*

Ludimila Caliman Campos\*

**Resumo:** No presente artigo, pretendemos demonstrar de que maneira a veneração a mártires e virgens impulsionará a piedade mariana na região de Alexandria entre os séculos III e IV. Para tanto, enfocaremos as histórias de algumas virgens-mártires, tais como Potamiana, Apolônia, Tecla e Justina, bem como a apropriação de alguns desses relatos por autores alexandrinos e origenistas, o que possibilitará que a devoção a Maria seja resignificada e legitimada nos círculos eclesiásticos.

**Abstract:** This article seeks to demonstrate how the veneration of martyrs and virgins will boost the Marian piety in the region of Alexandria between the third and fourth centuries. For this, we will highlight the stories of some virgin-martyrs, such as Potamiana, Apollonia, Thecla and Justine, as well as the ownership of some of these reports by Alexandrian and Origenist authors, which will allow the devotion to Mary to be reinterpreted and legitimized in the ecclesiastical circles.

**Palavras-chave:**  
Cristianismo;  
Império Romano;  
Alexandria;  
Virgens-mártires;  
Devoção mariana.

**Keywords:**  
Christianity;  
Roman Empire;  
Alexandria;  
Virgin-martyrs;  
Marian devotion.

---

Recebido em: 17/08/2014  
Aprovado em: 25/09/2014

---

\* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo sob a orientação do Prof. Dr. Gilvan Ventura da Silva. Bolsista da Capes.

**A**lexandria, uma das maiores capitais culturais do mundo antigo, abrigou uma gama diversa de manifestações culturais. Entre as religiosidades em voga, nós encontramos, na cidade, um cristianismo que, a partir de meados do século III d.C. e ao longo de todo o século IV d.C., começava a se manifestar de uma forma diferente daquela habitual até então.

Por conta das muitas perseguições empreendidas contra os cristãos no período mencionado, mártires serão feitos, alterando, em grande medida, os padrões da relação socioreligiosa na *ekklesia*, bem como as representações da divindade cristã. Nesse sentido, será comum, em Alexandria, a divinização de mártires e de determinados personagens bíblicos.

Entre os diversos mártires do período, a história de uma mulher alexandrina é de grande interesse para nós. Eusébio de Cesareia, na obra *História Eclesiástica* (VI, 5), conta que, no início do século III d.C., havia uma cristã alexandrina chamada Potamiana, que foi condenada à morte, junto com sua mãe Marcela, por Átila, governador de Alexandria (o mesmo que condenara o pai de Orígenes), em razão de ambas se negarem a fazer sacrifícios aos deuses de Roma. Depois de tê-la severamente torturado, Átila ameaçou entregar Potamiana aos gladiadores para que eles a estupassem. Um militar chamado Basilides teria conduzido a jovem à execução. Ao longo do caminho, vários homens tentaram molestá-la, mas o soldado a teria protegido até o momento em que foi executada. Em gratidão à ajuda do jovem, ao evitar que ela perdesse a sua condição virginal, Potamiana, antes de ser morta, prometeu ao soldado que iria orar por ele para que este se convertesse.

Queimada em um caldeirão de piche derretido, Potamiana morreu como mártir. Basilides voltou para casa muito abalado, pois ficara impressionado com as palavras da jovem e com a sua bravura. Eusébio conta que, algumas noites depois do martírio, Basilides teve um sonho em que Potamiana lhe apareceu e lhe assegurou que ela continuava orando por ele. Ainda segundo o relato, a mártir teria dito que ficaria feliz em recebê-lo, quando o soldado fosse morar no Paraíso. Depois desse sonho, Eusébio conta que o soldado romano se converteu ao cristianismo e, pouco tempo depois, foi decapitado por se recusar a negar a fé em Jesus Cristo.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Este é o primeiro relato de um soldado que se converteu ao cristianismo como resultado direto de ter sido testemunha de um martírio (FERGUSON, 1976, p. 77).

Tal história precisa ser citada, pois é o primeiro testemunho conhecido por nós de uma intercessão cristã feita a um mártir. Potamiena – conhecida como virgem exemplar por sua pureza, castidade e bravura – agora estava na condição de intercessora de um soldado romano. A partir deste relato, observamos o surgimento paulatino de histórias de mártires que também vão interceder, aconselhar e realizar milagres no pós-morte, assim como assinala a narrativa em questão.

Nós conhecemos, ademais, a história de Apolônia, nascida em Alexandria no início do século III, que teria sido martirizada durante a perseguição de Décio. Em um trecho da carta de Dionísio de Alexandria ao bispo de Antioquia, aquele afirma que Apolônia – diaconisa, virgem e anciã, bem reputada entre os cristãos – teria sido capturada por soldados romanos, golpeada de forma cruel e violenta, tendo todos os seus dentes quebrados e arrancados. Em seguida, a diaconisa teria sido arrastada para fora da cidade, colocada sobre uma pilha de lenha e queimada viva por se recusar a invocar aos deuses pagãos e a blasfemar contra a pessoa de Cristo (*Hist. Ecl.* VI, 41). A partir deste evento, Apolonia teve sua história registrada e começou a ser devotada como mártir.

Paralelamente à divinização do mártir, nós observamos a valorização do ascetismo nos círculos cristãos alexandrinos, visto que grande parte dos mártires, assim como Potamiena e Apolônia, adotava um estilo de vida ascético.<sup>2</sup> Neste contexto de exaltação do ascetismo, vemos o florescimento da devoção muito particular: àquela praticada a mártir-virgem Tecla. A história de Tecla, que supostamente viveu no final do século I, aparece pela primeira vez já em fins do século II d.C. na obra apócrifa denominada *Atos de Paulo e Tecla*.<sup>3</sup> O texto começa narrando a chegada de Paulo a

---

<sup>2</sup> Há uma estreita relação entre a prática ascética e o martírio. De fato, alguns autores, como Maureen Tilley (1991), asseveram que o ato de suportar a dor e o sofrimento funcionava como um treinamento do corpo para a prática ascética. A inter-relação entre o ascetismo (martírio branco) e o martírio (martírio vermelho) também irá mostrar que o ascetismo não se tornou um substituto simples para o martírio após a legalização do cristianismo sob o reinado de Constantino. Ao contrário, o ascetismo floresceu dentro do cristianismo desde o seu início. Ao final do século II d.C., quando a perseguição aos cristãos tornou-se mais intensa, o martírio forneceu a base teórica e prática para o martírio dito “heroico”, isto é, o ascetismo. É preciso salientar, ainda, que há um nexo entre a prática do martírio e a manutenção da virgindade. Isso porque, primeiramente, ambas são ações que rechaçam valores da sociedade greco-romana, o que permitia fazer uma diferenciação entre a moralidade e a conduta próprias dos cristãos, em detrimento daquelas adotadas pelos pagãos. Além disso, o martírio se associava à castidade, na medida em que, em muitos casos, as jovens sofriam excruciantes torturas para salvaguardar sua virgindade.

<sup>3</sup> Apesar de estarem, na atualidade, compilados em uma única obra, o apócrifo *Atos de Paulo e Tecla*, frequentemente, circulava em separado, tornando-se bastante populares na Antiguidade e na Idade

Icônio (Ásia Menor) e sua hospedagem na casa de Onesíforo, vizinho de Tecla. A jovem, que estava prometida em casamento a um homem chamado Tamiris, escuta a pregação de Paulo, converte-se ao cristianismo e decide adotar um regime de castidade. Enfurecido pela nova opção da noiva, Tamiris faz uma petição contra o apóstolo ao governador de Icônio, que decreta a prisão de Paulo. A fim de manter contato com Paulo, Tecla suborna os guardas que vigiavam-no e passa três dias recebendo seus ensinamentos na prisão.

Depois disso, ela é descoberta por sua mãe, que a retira à força da presença do apóstolo. Irredutível ao casamento, Tecla acaba sendo condenada à fogueira pelo crime de perturbação civil. Todavia, segundo consta no relato, quando Tecla faz um sinal da cruz durante a sua execução, uma tempestade de chuva de granizo extingue as chamas e os torturadores acabam por dispensá-la. Viva, Tecla volta a se reunir com Paulo em uma caverna em Antioquia, onde este se escondia. Lá, ela pede para ser batizada e se oferece para cortar os cabelos como um voto de seu compromisso de castidade. A vida de Tecla, a partir de então, será marcada por diversos atos milagrosos e por tentativas frustradas de execução. O texto afirma que Tecla habitou, grande parte de sua vida, em uma região nas proximidades de Selêucia Isáuria, onde teria curado enfermos e pregado para muitos cristãos e pagãos, além de ter sofrido várias perseguições, sendo que uma delas a levou à morte. Relata-se:

Alguns homens da cidade, sendo gregos por religião, e médicos por profissão, enviaram um jovem insolente para intentar destruí-la. Sobre ela, eles diziam: "Ela é uma virgem que serve a Artemis e, por isso, tem a virtude de cura. [Quando ele se aproximou de Tecla] por provisão divina, ela entrou viva em uma rocha, ficando debaixo da terra" (*Act Paul. et Tecl.* 26).

Média. Durante o medievo, o documento foi utilizado como base para que diversas lendas sobre Tecla fossem criadas, impulsionando a devoção a esta personagem. O manuscrito foi escrito originalmente em grego, contando, hoje, com cerca de quarenta cópias distintas, datadas do século X até o XIV. As versões gregas da obra, que se encontram preservadas na *Bodleian Library*, Oxford (Inglaterra), apresentam diversas outras traduções, tais como: em copta, em armênio, em etíope e em latim. Pontuamos que a edição que utilizada se trata da Lipsius-Bonnet, do século XX, que se baseou em onze manuscritos gregos (ELLIOT, 2005, p. 353). Apesar de Tertuliano chegar a dizer que um presbítero da Ásia Menor, possivelmente de Antioquia, teria escrito a obra em honra a Paulo, a autoria da fonte continua desconhecida. O documento compartilha características e temáticas bastante típicas dos romances e das novelas greco-romanas, em especial por enfatizar a manutenção da integridade social na constituição familiar e conjugal. Sobre a composição temática da fonte, podemos dizer que ela se divide em quatro cenas, a saber: a conversão de Tecla e a chegada de Paulo a Icônio; a prova de fogo de Tecla e a subordinação da personagem a Paulo; a prisão e o livramento do martírio de Tecla; o último encontro de Paulo com Tecla e a morte da virgem (TRUMBOWER, 1997, p. 278).

Outras fontes também abordam a vida de Tecla. Metódio, em sua obra denominada *Simpósio*, escrita no século IV d.C., afirma que Tecla teria sido a chefe de um grupo de virgens. O discurso de Metódio exalta a virgindade como virtude daqueles que não almejavam as riquezas e as glórias do mundo, mas que ansiavam pelo casamento espiritual com Cristo.<sup>4</sup>

Tecla é fundamental neste debate por sabermos que foi uma virgem bastante cultuada em Alexandria.<sup>5</sup> De acordo com Stephen Davis, na obra *The Cult of Saint Thecla: a Tradition of Womens Piety in Late Antiquity* (2008), Alexandria foi uma das primeiras cidades onde a obra *Atos de Paulo e Tecla* foi divulgada. Isso pode ser comprovado pelo testemunho de Orígenes que mostra extrema familiaridade com o documento. Atanásio de Alexandria, ainda, cita diversas vezes a obra *Atos de Paulo e Tecla*, exaltando a figura da personagem como um modelo de piedade feminina.<sup>6</sup> Em muitos momentos, Atanásio recapitula cenas específicas da história de Tecla de modo a exortar as virgens ascetas a estabelecerem uma conduta moral impecável. Neste caso, viver como um *hagios* seria assimilar e observar regularmente a conduta adotada por ele. A ênfase de Atanásio de Alexandria no papel da imitação da adoção de uma moralidade ideal revela como o bispo procurou estabelecer um discurso destinado a moldar a piedade de seus interlocutores, tendo como referência a vida de Tecla (*De virg.*, 211, 20). No documento, o bispo exorta as mulheres a imitarem a coragem e a determinação de Tecla em detrimento do exemplo de vida de sua irmã Teocleia, que não deveria ser imitada.

Ambientada fora de Alexandria, mais precisamente em Antioquia, nós destacamos outra história bastante elucidativa no que tange ao contexto de vida de

---

<sup>4</sup> A origem da defesa à virgindade no cristianismo é obscura, porém observamos, logo no início do movimento, Paulo reconhecendo o seu valor e encorajando a sua manutenção. A virgindade também seria estimulada para as viúvas que, seguindo o conselho dos bispos, deveriam abster-se de um segundo casamento para se dedicar integralmente à vida religiosa. Um grande impulso à valorização da virgindade veio a partir da associação das noções de santidade e de carisma à castidade. Em *Atos dos Apóstolos* (21,9), por exemplo, é relatado que Filipe, o evangelista, tinha quatro filhas solteiras (virgens) que profetizavam. No século II d.C., identificamos Policarpo colocando responsabilidades espirituais sobre as viúvas e as virgens por elas terem tempo de se dedicarem ao trabalho na *ekklesia*. Ele afirma que as virgens deveriam ser irrepreensíveis e deveriam ter uma boa consciência (*Ep. Phil.*, 53).

<sup>5</sup> Fora de Alexandria, a importância de Tecla também foi muito expressiva. A esse respeito, Gregório de Nazianzo (vide nota 35), em sua primeira oração contra o imperador Juliano, no contexto de culto aos mártires, chega a incluir Tecla como uma mártir entre os apóstolos Pedro, Paulo e Tiago (LIMBERIS, 2011, p. 39).

<sup>6</sup> Apesar das diversas referências feitas por alguns Pais da Igreja ao documento *Atos de Paulo e Tecla*, o *Decreto Gelasiano* – do século V d.C. – excluiu, definitivamente, este texto da compilação canônica.

uma virgem-mártir e a formação de uma devoção. O origenista Gregório de Nazianzo, em um de seus sermões, faz menção a uma oração endereçada a Maria empreendida por uma virgem-mártir. Na *Oração 24*, uma virgem chamada Justina clama pela ajuda de Maria. Segundo o relato, ela é prontamente atendida, como vemos a seguir:<sup>7</sup>

Havia uma virgem de família nobre, dotada de uma moral elevada. Ouçam isso e exultem, oh virgens, e todas aquelas que honram a modéstia e amam a pureza. Esta história é uma fonte de orgulho – pela modéstia e pela pureza com que a moça se apresenta. A jovem, Justina, era muito bonita. Sobre ela, Davi cantou, dizendo: “A filha do rei é adornada de beleza” (Sl 45:14). Verdadeira noiva de Cristo, de beleza sem igual, uma obra de arte viva, uma oferenda imaculada, um santuário inacessível, um jardim fechado, uma fonte selada, reservada para Cristo. Eu não sei o motivo pelo qual o grande Cipriano foi tomado de grande paixão por essa irrepreensível e virtuosa donzela. [...] No entanto, Cipriano não estava apenas possuído de amor por ela, mas também estava tentando-a. [...] Pela pureza e pela divindade de sua alma, rapidamente, a jovem percebeu o mal que aquilo estava lhe causando [...]. Então, ela se refugiou em Deus e contra esta repugnante paixão, defendendo-se do seu pretendente, assim como fez Suzana, que se libertou dos perversos anciãos, ou mesmo Tecla, que se salvou de um tirânico cortesão e de sua mãe, esta ainda mais tirânica. Mas quem seria seu marido? Ele é Cristo, o qual nos fortalece em nosso espírito e salva aqueles que estão se afogando; ele coloca a legião de espíritos maus dentro do abismo [...] Recordando dessas e de outras

---

<sup>7</sup> Gregório de Nazianzo nasceu em Arianzo, na região da Capadócia, no ano de 325. O bispo cresceu em uma família cristã rica, sendo enviado, ainda na adolescência, para estudar em diversas escolas catequéticas: a primeira em Nazianzo e a segunda em Cesareia da Palestina. Gregório estudou, quando adulto, em Alexandria, sob a supervisão de Atanásio, e, em Atenas, junto com Juliano, que se tornaria imperador romano. Cabe destacar que, por conta de seus estudos na cidade, ele é considerado um bispo adepto da escola alexandrina. Em 361, na ocasião da volta de Gregório a Nazianzo, local onde a sua família morava e onde o seu pai exercia o episcopado, ele decidiu se dedicar, definitivamente, à vida eclesiástica e ascética. Lá, ele foi consagrado presbítero por indicação de seu próprio pai. Com uma forte inclinação para o episcopado, Gregório, em 372, foi consagrado bispo de Sásima. Ele retornou a Nazianzo, às vésperas da morte do seu pai, a fim de ajudá-lo na administração de sua congregação. Depois do falecimento deste, em vez de voltar para o episcopado de Sásima, Gregório preferiu focar sua atenção na *ekklesia* de Nazianzo. Posteriormente, ele terá um papel fundamental no Concílio de Antioquia (379) como defensor da doutrina nicena. Para empreender seus trabalhos, uma de suas primas lhe cedeu uma vila que ele logo transformou em uma *ekklesia*, apelidando-a de Anastásia. As homilias de Gregório de Nazianzo permitiram que o bispo apresentasse uma popularidade crescente na região, atraindo muitos fieis para Anastásia. Apesar dos ataques a seus oponentes, a sua fama o impulsionou para ocupar o cargo de bispo de Constantinopla por dois anos. Pressionado pelas fortes oposições locais, Gregório renunciou ao cargo durante o Primeiro Concílio de Constantinopla e voltou ao episcopado de Nazianzo. O bispo, já aposentado de suas atividades sacerdotais, faleceu no ano de 389. Sobre as categorias das obras de Gregório de Nazianzo, podemos dividi-las em discursos (*orationes*), cartas e obras poéticas. Treinado nas melhores escolas retóricas da época, ele foi um notável orador, revelando isso em muitos de seus discursos. As cartas de Gregório seguem o gênero epistolar com destinações variadas. Já as suas composições poéticas constituem escritos autobiográficos, epigramas, epitáfios e epístolas com títulos variados.

circunstâncias, Justina implorou à Virgem Maria, a fim de que esta lhe desse alguma assistência, uma vez que ela também era virgem e que também tinha passado por perigos. Então, a jovem entendeu que o remédio era praticar o jejum e dormir no chão (Orat. 24, 2-3, grifo nosso).<sup>8</sup>

O personagem Cipriano, de acordo com *Metaphrastes Simeão*, era um mago, natural de Cartago, que morava em Antioquia. De acordo com tal manuscrito, ele teria tentado seduzir a virgem Justina; porém, acabou frustrando-se, pois esta havia feito o sinal da cruz, repetidas vezes para se proteger dos encantamentos do mago. Por conta do ato mencionado, milagrosamente, Cipriano teria se libertado de Satanás e se convertido ao cristianismo. Como cristão, ele ocupou a função de diácono, sendo responsável por fazer muitos prodígios em companhia de Justina. Não obstante, quando houve a perseguição de Diocleciano, ambos foram presos e levados a Damasco, onde sofreram torturas. De lá saíram em 304, encaminhados à Nicomédia para serem decapitados às margens do rio Galo. Segundo o documento, durante seis dias, os corpos dos mártires ficaram insepultos, sendo levados depois por marinheiros cristãos a Roma e enterrados na catacumba de uma rica matrona romana chamada Rufina.

Não sabemos até que ponto este relato, bem como a *Oração 24* de Gregório de Nazianzo, seriam fundados em fatos verídicos. Diversos críticos tendem a afirmar serem histórias alegóricas, adornadas por descrições difusas e diálogos não confiáveis. Gregório de Nazianzo, por exemplo, parece ter confundido Cipriano de Cartago com

---

<sup>8</sup> As *Orações* de Gregório de Nazianzo eram sermões pronunciados durante as reuniões litúrgicas. As orações eram lidas de acordo com o calendário cristão nos dias em que se homenageava algum *hagio* ou mesmo em meio a um comentário referente a uma lição da Bíblia. Todos os seus trabalhos foram escritos seguindo o estilo grego tradicional – inclusive as orações. Grande parte delas foi traduzida para o latim por volta do ano 400 por Tirânio Rufino, sobrevivendo, ainda, algumas traduções feitas em armênio, síriaco, eslavo, georgiano, árabe e etíope, datadas da Antiguidade Tardia e da Idade Média. Durante a Renascença, a estilística excelente de Gregório de Nazianzo e a sua preferência por uma combinação de piedade ascética com uma cultura literária ímpar, tornaram as obras do bispo particularmente atrativas para os humanistas. Por isso, numerosas traduções foram feitas nos séculos XV e XVI (STINGER, 1977, p. 147). Na falta de obras críticas, Migne publicou, em 1778, uma edição das *Orações*, e, posteriormente, em 1846, Schaff Philip criou uma coletânea de textos patrísticos incluindo as *Orações*. Muitos estudiosos alegam que Gregório de Nazianzo criou um modelo de oração que uniu a eloquência grega com a cristã, sendo esta combinação muito valorizada no período bizantino, por se tratar de uma cultura que ainda prezava a retórica. O estilo textual das suas orações foi bastante imitado pelos literatos bizantinos, o que comprovaria a grande popularidade e a grande circulação do documento desde a Antiguidade Tardia. A *Oração 24* destaca-se por uma temática sutilmente erótica, semelhante aos *Atos de Tecla e Paulo* e próxima à voluptuosidade das novelas greco-romanas (NONNA, 2008, p. 26). Gregório de Nazianzo fez esta oração – proferida em outubro de 379 – a fim de marcar o festival de São Cipriano, um dos patronos da congregação nicena de Anastásia (MC GUCKIN, 2001, p. 252).

Cipriano de Antioquia, pelo fato de ambos terem nascido em Cartago. Apesar das imprecisões na própria história, é proveitoso depreender aspectos do enredo, mesmo que inventados posteriormente, mas que contribuem para o nosso presente debate.

No excerto supramencionado, Gregório de Nazianzo afirma que Justina teria escapado de se casar com Cipriano, que estaria apaixonado por ela. O texto sugere que Cipriano perseguia Justina, insistindo na ideia de se casarem. Em uma dessas perseguições, ela teria clamado a Maria que lhe ajudasse, sendo prontamente atendida. Justina se põe em regime monástico, dormindo no chão e praticando jejuns, em uma tentativa de acabar com a sua própria beleza. Nesse momento, supostamente, ela inicia uma luta contra o diabo por meio de sua conduta, de suas palavras e de suas orações (LIMBERIS, 2011, p. 46).

Um aspecto interessante no trecho em comento é a relação estabelecida entre Maria e Justina, pela qual Maria se revela como intermediadora, atendendo a oração daqueles que a ela suplicam. Como um modelo de piedade, a aparição de Maria ao seu devoto impulsiona, significativamente, a relação entre o *hagios* e a própria comunidade.

A história de Justina parece ser "pescada" na de Tecla. Gregório de Nazianzo se utiliza da castidade e da beleza da personagem para estabelecer um ponto de tensão. Por outro lado, o fato de a jovem ser uma virgem lhe favorecia em sua piedade, pois o texto deixa implícito que a sua condição virginal a aproximava de sua intercessora. O documento evidencia a lógica de uma virgem divinizada (Maria) ajudar uma virgem cristã devota. Nós acreditamos que Gregório de Nazianzo conhecesse a obra *Metaphrastes Simeão*, mas, é evidente, no entanto, a modificação que ele faz da história, acrescentando-lhe que a virgem teria feito uma prece a Maria. Defendemos que tal alteração foi motivada pela devoção mariana que estava em franca popularização no século IV, período no qual o autor escreveu e proferiu a *Oração 24*.

No cristianismo tardo-antigo, os atos taumatúrgicos se manifestam, quando o devoto decide romper com os laços rotineiros de sociabilidade e praticar toda sorte de penitências, renúncias e mortificações na intenção de elevação espiritual. Em tal contexto, Maria é apresentada como uma humana sacralizada que também teria renunciado à "carnalidade" – expressa pela castidade, pelos jejuns, pela abstinência do sono – enquanto esteve no mundo e, agora, intercedia por humanos que agissem da mesma forma. A condição virginal de Maria inspirava nos devotos a adoção de uma conduta asceta – como foi o caso de Justina.

É importante assinalar que, no relato de Gregório de Nazianzo, Maria seria o penhor e a guardiã da encarnação – o exemplo e a protetora das virgens consagradas. Também não é por acaso que, para o bispo, a compreensão do papel de Maria, no contexto eclesiástico, está justamente alicerçada na tradição alexandrina de Atanásio, cujas raízes remontam à filosofia de Orígenes (PERRY, 2013, p. 152).

Mc Gunckin (2001, p. 252) e Vasiliki Limberis (2011, p. 132) atestam a possibilidade de a grande ênfase dada pelo texto aos atributos de Justina (ser jovem, modesta, virgem, bela, entre outros) ser um dos indicativos de que eram praticados festivais em honra aos santos e aos mártires – em especial a Maria – com cultos a relíquias no século IV d.C.

É plausível ainda que tais celebrações possam ter sido patrocinadas por uma poderosa aristocracia feminina, que exercia uma espécie de "patronato episcopal", como ocorria na congregação de Anastásia, em Constantinopla.<sup>9</sup> É digno de nota, também, o fato de este documento ser proferido em público de modo a convencer a audiência a superar as paixões por meio de orações à virgem Maria associadas aos jejuns e aos retiros espirituais. Por outro lado, tal discurso é uma evidência de que a estratégia retórica dos bispos era colocar no mesmo páreo a doutrina de piedade aos mártires e a devoção mariana.

Além dos relatos do bispo de Nazianzo, outro bispo capadócio origenista – e homônimo do anterior – Gregório de Nissa, também dá provas do fortalecimento do culto mariano em consonância com o culto aos mártires. Na obra denominada *A vida de Gregório, o Taumaturgo*, Gregório de Nissa traz um relato dos principais eventos da vida de Gregório, o Taumaturgo, bispo da região do Ponto.<sup>10</sup>

---

<sup>9</sup> Os debates sobre o patronato romano estão, em geral, associados ao modelo de patrocínio masculino. Contudo, quando nos voltamos para as evidências do patronato feminino, várias questões se levantam: "Quantas mulheres atuaram como patronas? Quais eram os tipos mais comuns de patronatos? Havia diferenças entre patronatos femininos e masculinos?" Sobre o assunto, sabemos que o número de patronas era significativamente inferior ao número de patronos. Além disso, o patronato feminino sempre entrava em conflito com o papel público das mulheres na sociedade romana e com os valores femininos tradicionais. Até porque a falta de uma carreira pública prejudicava o alcance e o efeito de patrocínio das mulheres. No meio cristão ortodoxo, entretanto, o patronato feminino parece ter prosperado, sendo fundamental para alavancar os empreendimentos eclesiásticos. Vale ressaltar que as viúvas ricas eram as que mais exerciam o patronato entre as mulheres, pois, sozinhas, podiam administrar seus próprios bens, aplicando-os no que desejassem (HEMELRIJK, 2004, p. 95).

<sup>10</sup> Nesta parte do artigo, tratamos de abordar a vida, as obras e o pensamento de três bispos parcialmente homônimos: Gregório de Nissa, bispo de Nissa (Capadócia), Gregório de Nazianzo, bispo de Constantinopla e Gregório, o Taumaturgo, bispo da região do Ponto. A fim de evitar qualquer imprecisão

Sobre o assunto, é importante salientar o fato de Gregório, o Taumaturgo, cujo nome original era Teodoro, ter nascido em uma família pagã da nobreza de Neocesareia, metrópole da província do Ponto, em 213 d.C. Interessado por Direito, Filosofia e Teologia, na juventude, ele estudou Filosofia com o seu irmão Atenodoro em Alexandria. Lá, Gregório teria conhecido Firmiliano, um eupátrida Capadócio, que o apresentaria à Filosofia e aos trabalhos de Orígenes. Os irmãos decidem estudar com Orígenes que, neste período, morava em Cesareia da Palestina. Por seu turno, Gregório, o Taumaturgo permaneceu cinco anos dedicado aos estudos em Cesareia (234-238) (*Hist. Ecles.* VI, 30, 1). Nesta escola, ele se converteu ao cristianismo e se batizou por intermédio de seu mentor que, por sua vez, o considerava melhor aluno (TELFER, 1936, p. 228).<sup>11</sup> De lá, Gregório, o Taumaturgo partiu para sua cidade natal, onde foi consagrado bispo. A sua vida episcopal foi marcada por uma proeminente produção literária e pela adoção de uma rígida vida ascética. Entre as suas obras de destaque, podemos citar as seguintes: *Oração Panegírica*, *Epístolas Canônicas*, *Declaração de Fé* e *Paráfrase do Livro de Eclesiastes*. Ele participou ativamente do primeiro e do segundo Concílio de Antioquia (252 e 264), nos quais se discutiu a postura adocionista do bispo de Antioquia, Paulo de Samósata, acusado de heresia.<sup>12</sup> Sabemos que o bispo do Ponto teria morrido no ano de 270 d.C.

Há, na atualidade, seis biografias sobre a vida de Gregório, o Taumaturgo: uma em latim, uma em siríaco, uma em armênio e três em grego. Contudo, a biografia de Gregório de Nissa,<sup>13</sup> além de ser a mais confiável entre todas as outras versões

---

discursiva, os nomes serão retomados na sua forma completa ou referenciando a cidade sede do episcopado do bispo.

<sup>11</sup> De acordo com Joseph Trigg (2001, p. 51-52), a escola cristã de Cesareia, onde lecionava Orígenes, tinha o intuito de educar jovens pagãos para um cristianismo de filiação alexandrina. Sobre o ensino de Orígenes, este se baseava na formação dialética de tipo socrática, perpassando as ciências naturais, a moral e os estudos teológicos (MORESCHINI, NORELLI, 1995, p. 361).

<sup>12</sup> A proximidade das datas dos dois Concílios indica que, em Antioquia, neste período, havia uma espécie de "concílio permanente" com sessões mais ou menos intermitentes.

<sup>13</sup> Nascido em uma família cristã da Capadócia, em data desconhecida, ainda jovem, Gregório de Nissa teria sido educado pelo bispo Basílio Magno, seu irmão. Quando adulto, Gregório se casou e se tornou professor de retórica, destacando-se por sua excelente capacidade de oratória. Desiludido com a função catedrática e a pedido de sua família, Gregório decidiu se dedicar à vida ascética em Neocesareia, sendo consagrado, posteriormente, bispo de Nissa. A carreira eclesiástica do bispo foi marcada pela luta contra a heresia ariana, bem como pela ativa participação em concílios, com destaque para o Concílio de Antioquia (341) e o de Constantinopla (381). Gregório teria morrido em Nissa no ano de 394 sob circunstâncias desconhecidas. Entre seus principais trabalhos, temos: a) as obras exegéticas: *Tratado sobre a obra dos seis dias* e *Sobre a criação do homem*; b) as teológicas: *Opúsculo* e a *Oração catequética*; c) as

conhecidas da vida do personagem, é bastante elucidativa para nós, na medida em que reporta a primeira aparição de Maria conhecida.<sup>14</sup> A obra, datada de 380, escrita em grego cerca de cem anos após a morte de Gregório, o Taumaturgo, foi baseada em tradições orais familiares, fornecidas pela avó de Gregório de Nissa, Macrina, a Velha, que teria sido discípula pessoal do bispo do Ponto (KAPLAN, 2001, p. 68). No século V, Tirânio Rufino, por exemplo, na ocasião da tradução do grego para o latim da obra *História Eclesiástica* de Eusébio de Cesareia, menciona Gregório, o Taumaturgo, e insere uma digressão em que descreve alguns dos milagres do bispo do Ponto (VAN DAM, 2003, p. 205). O autor, todavia, revela-se bastante confuso e, até mesmo, contraditório.

Escrito em conformidade com os padrões de retórica, o texto composto por Gregório de Nissa pode ser categorizado como um panegírico comemorativo.<sup>15</sup> Por seu caráter laudatório, vê-se a possibilidade de ele ter sido pronunciado durante o culto, em alguma *ekklesia* da região do Ponto em ocasião da festa de solenidade da morte de Gregório, o Taumaturgo (TELFER, 1936, p. 229). Apesar de o bispo do Ponto não ter sido propriamente um mártir, o fato de ele ter atuado como taumaturgo e de ser fundador da *ekklesia* da região do Ponto, os fiéis o reverenciavam tanto quanto a Tecla, a Estevão e a própria Maria (LIMBERIS, 2011, p. 154).

Acerca da aparição mariana, especificamente, o texto assevera que Gregório, o Taumaturgo, ainda no início de seu episcopado, teria tido uma visão de Maria durante a noite. No momento em que ele estava meditando sobre a melhor maneira de se adorar ao Deus verdadeiro, duas pessoas se manifestaram em seu quarto, a saber: o apóstolo João e Maria. Eles teriam aparecido ao bispo para sanar tal dúvida, que o fazia hesitar no cristianismo. A pedido de Maria, o evangelista teria dado a Gregório, o Taumaturgo todas as instruções acerca da doutrina que o mesmo gostaria de saber. Assim, João teria esclarecido alguns pontos que ainda eram confusos para o bispo. A respeito desta visão, afirma Gregório de Nissa o seguinte:

---

ascéticas: *Sobre o significado do nome ou profissão de fé cristã e Sobre a Perfeição e que tipo de homem, o cristão deve ser*; d) os sermões e as homílias: *Vida de Gregório, o Taumaturgo*; e) as correspondências.

<sup>14</sup> Segundo Claudio Moreschini e Enrico Norelli (1995, p. 361), é pouco provável que Gregório de Nissa tenha feito uma falsificação desta parte tão importante da história de Gregório, o Taumaturgo, até mesmo porque ele teria sido denunciado em tal situação, sendo esta uma informação de que não temos registros.

<sup>15</sup> Há, atualmente, cerca de 140 manuscritos gregos e siríacos do panegírico *A vida de Gregório, o Taumaturgo*. As cópias do documento foram feitas a partir do século V d.C., a começar pela de Zeno, em 482, e a de Agatângelo, em 620 (LIVINGSTONE, 1987, p. 255-6).

À noite, ele contemplou o fundamento da fé. Vários pensamentos o perturbaram [...] mas, como ele se manteve acordado, apareceu-lhe em visão um idoso em forma humana adornado com vestes solenes, cujo rosto foi marcante por aparentar grande virtude, bondade e integridade. [Gregório] foi atingido pelo medo por essa visão e, levantando-se da cama, percebeu quem era aquele homem e por que ele havia vindo. Depois de se acalmar do medo, o homem lhe disse, com uma voz suave, uma ordem divina: que [Gregório] apresentasse as dúvidas as quais achava obscuras, a fim de revelar a verdade e a crença correta [...]. O velho, de repente, estendeu sua mão e, com o dedo, apontou para algo que, de imediato, apareceu perto dele. A figura tinha uma forma esplêndida, com a aparência de uma mulher, mas portando uma beleza sobrehumana. Mais uma vez [Gregório] ficou apavorado e, virando o rosto, foi incapaz de suportar a visão, pois estava perplexo com a aparição. A visão era especialmente impressionante; em uma noite sombria, uma luz brilhou [...]. Como ele não podia olhar para essa aparição, ouviu de quem lhe apareceu detalhes sobre aquilo que ele estava procurando, a fim de resolver seus problemas. Pelas palavras que ouviu, Gregório não apenas obteve o exato e verdadeiro conhecimento da fé, mas, ainda, acabou por reconhecer os nomes de cada um daqueles que apareceram para ele, pois chamavam um ao outro pelo nome. Gregório alega que, durante a visão, ouve a mulher exortando João, o evangelista, a manifestar o mistério de verdadeira fé. João, por sua vez, declarou que estava completamente disposto a agradar a mãe do Senhor, mesmo porque esse assunto era algo muito próximo do coração do apóstolo. Depois que isso ocorreu, a discussão chegou ao fim, e Gregório acabou compreendendo aquilo que precisava. Então, eles desapareceram da visão (Vit. Greg. Thaum., 23, 24, grifo nosso).

Posteriormente, Gregório de Nissa traz a declaração de fé que teria sido proferida por João:

Há um só Deus, o Pai, a Palavra viva, que é a sua sabedoria, poder subsistente e imagem eterna: perfeito gerador do perfeito unigênito, Pai do Filho unigênito. Há um só Senhor, [...] Deus de Deus, imagem e semelhança da divindade, palavra eficaz, sabedoria abrangente na constituição de todas as coisas e formativa da energia de toda a criação, o verdadeiro Filho do Pai verdadeiro, invisível do invisível, incorruptível do incorruptível, imortal do imortal e eterno do eterno. E há um Espírito Santo, tendo a sua subsistência a partir de Deus e sendo manifestado pelo Filho aos homens, a saber: a imagem do Filho, imagem perfeita do perfeito, a vida, a causa da vida, fonte santa, santidade, o fornecedor, ou líder, da santificação, em quem se manifesta Deus, o Pai, que está acima de tudo e em todos, e Deus, o Filho, que é o meio de tudo. Há uma Trindade perfeita, em glória, eternidade e soberania, que não está dividida nem distante. Portanto, não há nada criado ou em servidão na Trindade, nem nada que se sobrepõe a ela, como se em algum período anterior era inexistente, e, em algum período posterior, que foi introduzido. E, assim, não era o Filho sempre querendo o Pai, nem o Espírito ao Filho, mas sem variação e sem alterações, os mesmos permanecem na Trindade (Vit. Greg. Thaum., 25, grifo nosso).

A visão de Gregório, o Taumaturgo, está diretamente relacionada à confirmação de sua aptidão para o sacerdócio e a negação da doutrina adocionista, tão discutida no Concílio de Antioquia em que o bispo ocupou a posição de presidente, conforme atesta Máximo, o Confessor (TELFER, 1936, p. 243). Durante as sessões do Concílio, Gregório se deparou com a defesa da doutrina adocionista por Paulo de Samósata. Este cria que Jesus não teria nascido Deus, mas que recebeu uma força especial apenas no momento de seu batismo. Até o batismo, Jesus teria sido um homem puro, nascido de uma virgem. Em um trecho bastante elucidativo, Eusébio de Cesareia reproduz aquilo que os taquígrafos registraram acerca das acusações a Paulo de Samósata:

Porque ele não quer confessar conosco que o Filho de Deus desceu do céu [...]; mas aqueles, quando lhe cantam salmos e o louvam ante o povo, afirmam que seu ímpio mestre desceu como anjo do céu. E ele não só não impede isto, mas até, em sua soberba, acha-se presente quando o dizem (*Hist. Ecles.* VI, 30, 11).

Observamos neste excerto que Paulo de Samósata defendia que Jesus não faria parte da Trindade, mas seria como os anjos, ou seja, um enviado de Deus. Segundo tal postura, Jesus, um homem de grande virtude, seria apenas um instrumento para implantar o reino de Deus. Assim sendo, quando Gregório, o Taumaturgo, sonha com João, afirmando que Maria o teria mandado proferir “o verdadeiro conhecimento da fé”, tal conhecimento faria parte de uma defesa da ortodoxia trinitária, baseado no credo niceno em detrimento do adocionismo. Maria surge, então, para atestar a verdade doutrinária, como defensora e como testemunha da fé cristã. João, por sua vez, na condição de autor canônico, desempenharia a função de porta-voz de Maria, como transmissor da verdade, fornecendo o selo e a garantia ortodoxas. Devemos destacar que anunciar as presenças de Maria e de João, em um mesmo contexto, parece ser proposital, pois, na religiosidade cristã, já havia uma interligação entre estas personagens, conforme pode ser visto no trecho do *Evangelho de João*:

E junto à cruz de Jesus estava sua mãe, e a irmã de sua mãe, Maria mulher de Clopas, e Maria Madalena. Ora Jesus, vendo ali sua mãe, e que o discípulo a quem ele amava estava presente, disse à sua mãe: Mulher, eis aí o teu filho. Depois disse ao discípulo: Eis aí tua mãe. E desde aquela hora o discípulo a recebeu em sua casa (*Jo* 16, 23-27).

No que concerne à visão tida por Gregório, o Taumaturgo, na religiosidade da Antiguidade Tardia, era comum que o sonho, como resultado de um estado participativo – tanto da vida quanto da morte – devesse influenciar a experiência devocional do fiel. Assim como nos escritos neotestamentários, nos quais há diversos relatos sobre sonhos de personagens importantes – tais como: o de José, o carpinteiro, quanto à confirmação da gravidez milagrosa de Maria (*Mt.* 1,20; 2,13-19); o da mulher de Pilatos (*Mt.* 27,19); e os de Paulo (*At.* 16,9; 18,9) – o sonho místico poderia impulsionar o religioso a criar uma devoção àquele a quem foi revelado, no caso do bispo do Ponto, Maria e João. A visão também é uma forma de legitimar e reforçar uma piedade, tanto para quem a recebe, como também àqueles que a testemunham, direta ou indiretamente – do mesmo modo no caso de Macrina, a Velha, de Gregório de Nissa, e na audiência do panegírico comemorativo. No âmbito eclesiástico do século IV d.C., tanto as qualidades pessoais do profeta (na condição daquele que recebe a revelação) quanto às do emissário parecem ser fundamentais para legitimar e para atestar que a mensagem oferecesse uma informação segura e verídica, considerando-se que os efeitos retóricos do discurso produzido por um bispo asceta eram, sem dúvida, significativos. Por esse motivo, presumia-se que uma mensagem de caráter doutrinal fosse revelada por meio de um sonho, de uma visão ou de alguma outra experiência mística para indivíduos de destaque no contexto eclesiástico, neste caso, o bispo.

A maior parte das autoridades cristãs aceitava as manifestações proféticas por meio de visões e de sonhos, tendo em vista que as experiências dos mártires e dos conversos, desde o início do cristianismo, estão marcadas por revelações de tal natureza. O significado dos sonhos no cristianismo, por sua vez, era algo próximo daquele adotado pelas regiões greco-romanas, pois ambos criam ser uma experiência mística na qual uma mensagem divina é revelada (BULKELEY, 2008, p. 191).

Tratando-se propriamente do sonho de Gregório, o Taumaturgo, e da representação mariana neste, a personagem é apresentada como alguém iluminada e bela, a ponto de o homem comum não poder vislumbrá-la, diferentemente de João, cuja forma era possível de ser observada com naturalidade, apesar de o espanto expresso pelo bispo do Ponto diante da aparição do apóstolo. A representação de Maria iluminada estaria baseada na ideia de que ela seria a figuração do baluarte da vida por ter sido a primeira testemunha de Jesus, sobre a qual a luz teria brilhado e se mantido radiante (VAN DAN, 1982, p. 301).

No relato da aparição, Maria pede a João que se pronuncie por ela. Neste ponto, a personagem é representada como a detentora da verdade doutrinária, tão almejada por Gregório, o Taumaturgo, posta em uma posição única e inquestionável, a prevalecer sobre o próprio João. Ela seria “agradada por João”, que lhe prestava um serviço, dando atenção àquilo que ela dizia.

No momento em que diversas heresias pululavam no Império Romano, esta biografia revela uma tendência que impulsionaria uma piedade posterior, quando muitos buscarão uma Maria divinizada para solucionar os seus questionamentos e, ainda, para exprimir a sua devoção. A representação de Maria é resignificada no relato, ao tornar a personagem um sujeito ativo, respondendo orações – como foi o caso da prece feita pela virgem Justina – e ensinando a doutrina a líderes da *ekklesia*. Nesta fonte, Maria oferece sua própria voz como um veículo de ensino ao proclamar quem era Deus.

Um ponto a ser considerado é, ainda, a potencial circulação do panegírico entre as diversas *ekklesiae* do Império Romano, em especial na região da Ásia Menor. O que Maria, supostamente, disse por intermédio de João será usado, mais adiante, como uma fórmula da fé trinitária ortodoxa. Tal declaração – composta por quatro artigos (concernentes ao Pai, ao Filho, ao Espírito Santo e à Trindade) – tornar-se-á uma *Profissão de fé* que vai reaparecer em vários registros teológicos e conciliares, com destaque para as atas do Concílio de Constantinopla, evento em que o bispo Gregório de Nissa participará ativamente (TELFER, 1936, p. 241). Tal vai impulsionar a ampla aceitação da fé trinitária atrelada à devoção mariana na reafirmação de Maria como *Theotokos*.

A partir dos manuscritos que apresentam relatos dos mártires e dos ascetas do século IV, podemos atestar que havia um esforço para manter as mulheres virgens como protótipos ideais, sempre rememorando figuras que as tornavam ainda mais sacralizadas, tal como Maria – o maior exemplo. A pessoa de Maria, então, seria um modelo de fé para as mulheres de Alexandria e da Capadócia, com destaque para as virgens e para as viúvas. No entanto, na medida em que as perseguições se avolumaram, tais virgens-mártires tornaram-se intercessoras em potencial, em especial para aqueles que haviam saído do paganismo, mas ansiavam por estabelecer uma devoção particular com as figuras memoriais nas quais eles se espelhavam.

A devoção mariana nasce junto à veneração aos mártires que também são rememorados quando um perigo iminente está à espreita. No momento em que o bispo de Nissa declamava liturgicamente a homilia em celebração ao mártir, ele legitimava a santidade e o heroísmo dos *hagioi*, empregando um discurso de exaltação da figura mártir, protótipo de moral e de bondade. Então, as virtudes dos mártires deveriam ser integradas à vida de cada cristão, uma vez que a fé só se manteria viva enquanto o mártir fosse rememorado. Houve ainda uma forte conexão entre a piedade ao mártir e a liturgia, mesmo porque a devoção ao mártir (inclusive a Maria) só ganhou força quando foi incluída no corpo do culto regular da congregação. Por sua vez, os fiéis, ano após ano, eram transportados para fora de suas vidas diárias, vivendo as narrativas dos atos dos mártires durante os festivais e evocando as falas dos mesmos. Assim sendo, os bispos capadócius Gregório de Nazianzo e Gregório de Nissa tiveram êxito no incentivo à veneração aos mártires pelo fato de esta ser uma atividade litúrgica fundamental e cotidiana, além de estes clérigos capitalizarem tal devoção em suas pregações por meio da piedade e do comportamento moral. O culto e as festas a Maria e aos mártires eram um atrativo aos novos convertidos em suas cidades, exercendo um grande impacto e reforçando a socialização, a comunicação e a coesão social.

Em uma transposição entre o herói, o mártir e a virgem, a deusa-mãe e a mãe de deus, a importância de Maria cresce à medida que mais cristãos se convertem do paganismo ao cristianismo e começam a festejar personalidades cristãs diversas, sendo ensinados a partir dos relatos da vida dos mártires e das virgens. Entendendo que a ampla adoção da castidade e da valorização do martírio como modelos de resistência vão refigurar as formas de culto cristãs, fica evidente que o nascimento de uma nova piedade no cristianismo, em que mulheres virgens e mártires serão rememoradas e veneradas, vai impulsionar a devoção a Maria. Em um momento de instabilidade, de exaltação à castidade e de glorificação da memória e dos poderes dos mártires, surgem as primeiras manifestações de uma versão resignificada de devoção em vias de domesticação no cristianismo egípcio: a veneração a Maria.

## Referências

### Documentação primária impressa

- ACTA PAULI ET THECLAE. In: *Acta Apostolorvm Apocrypha*. Ricardvz Adelbertvz Lipsivs, Maximilianvs Bonnet. Leipzig: Hermann Mendelssohn, 1981.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM REVISTA E AMPLIADA. Trad. da École Biblique de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2006.
- ELLIOT, J. K. *The Apocryphal Nova Testament: a collection of Apocryphal Christian*. New York: Oxford University Press, 2005.
- EUSÉBIO DE CESAREA. *História eclesiástica*. Madrid: BAC, 1997.
- GREGÓRIO DE NAZIANZO. *Select Orations of Saint Gregory Nazianzen*. In: SCHAFF, P.; WACE, H. (Ed.) *A Select Library of the Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church*. London: Edinburgh, T&T Clark, 1846. v. VII.
- GREGÓRIO DE NISSA. *Dogmatic, Treatises, etc – The Life of Gregory the Wonderworker*. In: SCHAFF, P.; WACE, H. (Ed.) *A Select Library of the Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church*. London: Edinburgh, T&T Clark, 1846. v. V.
- NONNA, V. H. *Festal orations*. New York: St Vladimir's seminary, 2008.

### Obras de apoio

- BULKELEY, K. *Dreaming in the world's religions: a comparative history*. New York: New York University, 2008.
- DAVIS, S. *The cult of St Thecla: a tradition of women's piety in Late Antiquity*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- FERGUSON, J. Introduction. Clement of Alexandria. *Stromateis* (Books 1-3). In: THE FATHERS OF THE CHURCH. New York: The Catholic University of America, 1991.
- HEMELRIJK, E. A. *Matrona docta: educated women in the Roman élite from Cornelia to Julia Domna*. London: Routledge, 2004.
- KAPLAN, M. *Le sacré et son inscription dans l'espace à Byzance et en Occident*. Paris: Sorbonne, 2001.
- LIMBERIS, V. *Divine heiress: the Virgin Mary and the creation of Christian Constantinople*. New York: Routledge, 1994.

- LIVINGSTONE, E. *Studia Patristica*. Papers Presented to the 10th International Conference on Patristic Studies. v. XIX. Oxford: Peeters, 1987.
- MC GUNCKIN, J. A. *St. Gregory of Nazianzus: an intellectual biography*. New York: St Vladimir's Seminary, 2001.
- MORESCHINI, C. NORELLI, E. *Histoire de la littérature chrétienne ancienne grecque et latine*. Montréal: Labor et Fides, 1995.
- PERRY, D. *The Blessed Virgin Mary*. Michigan: Grand Rapids, 2013.
- STINGER, C. *Humanism and the Church Fathers: Ambrogio Traversari (1386-1439) and the Christian Antiquity in the Italian Renaissance*. Albany: State University of New York, 1977.
- TELFER, W. The Cultus of St. Gregory Thaumaturgus. *The Harvard Theological Review*, v. 29, n. 4, p. 225-344, 1936.
- TILLEY, M. The Ascetic Body and the (Un)Making of the World of the Martyr. *Journal of the American Academy of Religion*, v. 59, n. 3, p. 467-479, 1991.
- TRIGG, J. God's Marvelous Oikonomia: reflections of Origen's understanding of Divine and Human Pedagogy in the Address Ascribed to Gregory Thaumaturgus. *Journal of Early Christian Studies*, v. 9, 1, p. 27-52, 2001.
- TRUMBOWER, J. Acts of Paul and Thecla 28-31. In: KILEY, M. *Prayer from Alexander to Constantine: a critical anthology*. New York: Routledge, 1997.
- VAN DAM, R. *Becoming Christian: the conversion of Roman Cappadocia*. Philadelphia: Pennsylvania Press, 2003.